

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara dos Deputados
Deputado RODRIGO MAIA

**Ref.: Pedido de impeachment protocolizado no dia
17.3.2020**

Leandro Antônio Grass Peixoto, já qualificado nos autos da denúncia de crime de responsabilidade, em desfavor do Presidente Jair Bolsonaro, vem, respeitosamente, informar e requerer o que se segue.

No último dia 10 de novembro de 2020, o Brasil assistiu, atônito, a mais uma série de crimes de responsabilidade praticados pelo Presidente da República. Estamos em tempo de pandemia e, pelos números oficiais, já faleceram no Brasil, apenas em decorrência da Covid-19, 162.842 cidadãos e cidadãs brasileiras que confiaram a este Senhor a Presidência da República.

No entanto, o Presidente não para de agir de forma irresponsável, pueril, abjeta e desconectada dos mais mezinhos princípios da Administração Pública eficiente, proba e impessoal. Não! O Presidente continua a usar a cadeira que lhe foi confiada nas urnas – eleição essa que, pasme-se, ele questiona – para buscar a satisfação de interesses próprios e de seus parceiros, olvidando-se da responsabilidade com a população em geral.

O dia 10.11 foi um exemplo disso. Em sua infantil briga com o Governador do Estado de São Paulo, João Dória, o Presidente diz ter vencido a batalha justamente pelo fato de que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária suspendeu as pesquisas da Coronavac, de origem chinesa e desenvolvida pelo Instituto Butantan, sob o argumento

de que teria ocorrido um grave fato adverso.

Em sua conta na rede social *facebook*, no dia 10.11.2020, o denunciado assim se manifestou, demonstrando o seu completo desprezo pelas pesquisas que estão sendo realizadas em solo nacional e com as pessoas que já morreram, tratando da vacina como se um fosse um duelo pessoal com o Governador:



Com efeito, o Presidente comemora a paralisação de uma pesquisa deveras importante para todos os brasileiros e não somente para os paulistas. E o que é pior, tal celebração decorreu da paralisação dos testes, determinada pela Anvisa, em razão da morte de um voluntário das pesquisas.

Comemorar a paralisação já seria, por si só, algo abjeto e vil. No entanto, a paralisação decorreu da morte de um ser humano que, horas mais tarde, revelou-se que nada tinha com a sua participação nas pesquisas, mas que havia se suicidado, deixando claro que a decisão da agência reguladora estava errada, havia sido precipitada e, o que é pior, provavelmente influenciada pelo humor do Presidente de ocasião. Eis o que diz a imprensa local, sobre o ocorrido:

“A morte de um voluntário de 32 anos que causou a suspensão das pesquisas da vacina CoronaVac não foi relacionada com os testes ou com a covid-19 por autoridades ligadas à pesquisa. Segundo o UOL apurou, o caso é tratado como suicídio por pessoas envolvidas com o estudo e foi registrado dessa forma no boletim de ocorrência

da Polícia Civil. O laudo do IML (Instituto Médico Legal) ainda não foi concluído.”¹

Ao invés de se solidarizar com o falecido, o Presidente comemora a suspensão dos testes. Há uma inversão completa de valores e prioridades. Celebrar a “derrota” da ciência, sobretudo com base no falecimento de um cidadão brasileiro, por suicídio, demonstra que o denunciado não reúne quaisquer requisitos para ocupar o cargo, sobretudo porque age de forma incompatível com a dignidade, a honra e o decoro, exsurgindo, daí, a violação ao artigo 9º, 7, da Lei 1.079/50.

E isso não é só. Não bastasse a completa falta de escrúpulos para celebrar a interrupção dos testes, sobretudo porque o evento adverso que motivou a interrupção tenha sido uma morte, o Presidente continuou a agir de forma indigna.

No período da tarde, o quantitativo de impropérios vomitados da boca do denunciado continuou a aparecer. Ao se dirigir a determinada pessoa de nome Sérgio, voltou a minimizar as mortes e, por consequência, o luto das famílias brasileiras, chamando os cidadãos e cidadãs de maricas:

“Tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia. Aqui todo mundo vai morrer. O Sérgio vai morrer um dia, não é, Serjão? Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um **país de maricas**”.

"Pessoal, temos que buscar mudanças, não teremos outra oportunidade. Vem a turminha falar 'queremos um centro', nem ódio pra lá nem ódio pra cá. Ódio é coisa de marica, pô. **Meu tempo de bullying na escola era porrada.**"

Minimizar a morte de alguém, além de ser algo bastante grave, é desumano. E isso se potencializa, quando quem minimiza é o Presidente da República, o que mostra, mais uma vez, a sua indignidade para comandar o Poder Executivo.

Para além disso, o Presidente nos chama de maricas. Em primeiro lugar, é um termo chulo, que jamais deveria estar na boca de um Presidente. Contudo e infelizmente, para todos nós, aí está.

No entanto, é preciso compreender o significado de maricas dentro do contexto da manifestação do denunciado. O dicionário da língua portuguesa assim dispõe:

¹ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/11/10/morte-que-suspendeu-teste-nao-tem-relacao-com-coronavac-nem-com-covid-19.htm-do-dia-edicao-da-noite-texto/>. Acesso em 11.11.2020, às 10h59.

absolutamente evitável.

Se o termo foi utilizado com a acepção de um suposto comportamento afeminado, ou com a associação de que os gays seriam covardes, novamente o denunciado está redondamente enganado.

Sabemos que ele não nutre apreço pela parcela da população LGBTQI+. Ao contrário, a despreza. Contudo, ainda temos juízes nesse país. E o Supremo Tribunal Federal, em julgamento histórico, definiu, no bojo da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão nº 26, que as condutas transfóbica e homofóbicas ajustam-se aos crimes definidos na Lei 7.716/89, que trata do racismo. Destaque-se parte da tese do julgamento, relatado pelo Excelentíssimo Ministro Celso de Mello:

1. Até que sobrevenha lei emanada do Congresso Nacional destinada a implementar os mandados de criminalização definidos nos incisos XLI e XLII do art. 5º da Constituição da República, as condutas homofóbicas e transfóbicas, reais ou supostas, que envolvem aversão odiosa à orientação sexual ou à identidade de gênero de alguém, por traduzirem expressões de racismo, compreendido este em sua dimensão social, ajustam-se, por identidade de razão e mediante adequação típica, aos preceitos primários de incriminação definidos na Lei nº 7.716, de 08/01/1989, constituindo, também, na hipótese de homicídio doloso, circunstância que o qualifica, por configurar motivo torpe (Código Penal, art. 121, § 2º, I, “in fine”);

(...)

3. O conceito de racismo, compreendido em sua dimensão social, projeta-se para além de aspectos estritamente biológicos ou fenotípicos, pois resulta, enquanto manifestação de poder, de uma construção de índole histórico-cultural motivada pelo objetivo de justificar a desigualdade e destinada ao controle ideológico, à dominação política, à subjugação social e à negação da alteridade, da dignidade e da humanidade daqueles que, por integrarem grupo vulnerável (LGBTI+) e por não pertencerem ao estamento que detém posição de hegemonia em uma dada estrutura social, são considerados estranhos e diferentes, degradados à condição de marginais do

adjetivo

[Pejorativo] Que tem comportamentos tidos como femininos; efeminado.

Que é homossexual; gay.

Repleto de covardia e medo; covarde.

substantivo masculino

Aquele que tem comportamentos socialmente atribuídos ao sexo feminino.

Indivíduo homossexual; gay.

Em primeiro lugar, o adjetivo revela covardia. E aí eu pergunto: de quem, Presidente? Do motorista de ônibus, que carrega a população para o seu trabalho, por que eles não têm o auxílio devido de seu governo? Dos diaristas, que busca o seu sustento, mesmo com os riscos de sair de casa? Do enfermeiro, do técnico de laboratório, dos médicos?

Todos são covardes? Maricas?

A resposta é um SONORO NÃO!!

A população brasileira nada tem de covarde. Passa ao largo disso. Na verdade, são mulheres e homens destemidos e que saem de suas casas por dois motivos. O primeiro deles é para trabalhar, para ter dignidade e fazer frente aos custos de sua vida. E o segundo motivo é que seu governo pouco fez para que as pessoas pudessem ficar em casa. Aprovou-se um projeto de auxílio emergencial com valor baixo, valor esse que só foi possível por conta da atuação do Parlamento.

Recorde-se aqui a canção de Gonzaguinha, conhecido por denunciar a Ditadura e combater pessoas como o Presidente Bolsonaro, que não tem qualquer apreço pela Democracia:

O homem se humilha

Se castram seu sonho

Seu sonho é sua vida

E vida é trabalho

E sem o seu trabalho

Um homem não tem honra

9
Covarde, nesse caso, não é o povo. Jamais o povo, que está nas ruas por não ter opções. Por não ter um líder que se preocupe com as suas condições de saúde, pois o chama a participar de uma rinha cujo prêmio pode ser a morte que, nesse caso, é

ordenamento jurídico, expostos, em consequência de odiosa inferiorização e de perversa estigmatização, a uma injusta e lesiva situação de exclusão do sistema geral de proteção do direito.

Assim, não é o Requerente quem afirma que a prática do Presidente é criminosa. Não. É a Suprema Corte, que, até que o Parlamento edite norma afim, determinou a aplicação da lei 7.716/89 para casos semelhantes.

Por fim, Bolsonaro sugere resolver um problema grave com violência física. Não sei como era a sua época de escola e, ainda que se acredite no que o denunciado diz, podemos dizer, taxativamente que, nos dias atuais, *bullying* não se revolve na “porrada”. Não é a violência que vai acabar com esse problema, mas sim a integração família, escola e gestão, com novas práticas inovadoras dentro de cada centro de profusão de conhecimento e não com “porrada”.

Sendo assim, ao assim agir, Bolsonaro comete crimes em profusão. E além do crime comum, também se porta de forma indigna, novamente pautando as suas ações de acordo com seus preconceitos. Novamente resta violado, a não mais poder, o disposto no artigo 9º, 7, da Lei 1.079/50.

Por fim, e não menos sem importância, o denunciado, que parece estar alienado da conjuntura mundial, dirigindo-se ao também tresloucado Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo e notadamente incentivado pelo seu assessor Filipe Martins, teve a ousadia propor uma guerra aos Estados Unidos.

Eis o teor de sua fala:

"Assistimos há pouco aí um grande candidato a chefia de Estado dizer que, se eu não apagar o fogo da Amazônia, ele levanta barreiras comerciais contra o Brasil. E como é que podemos fazer frente a tudo isso? Apenas a diplomacia não dá, não é, Ernesto? **Quando acaba a saliva, tem que ter pólvora**, senão, não funciona.”²

Em primeiro lugar, é preciso apontar que se trata de um delírio, um desatino ou até mesmo uma piloureira do denunciado. Com efeito, é de conhecimento amplo e irrestrito o poderio bélico dos Estados Unidos. É possível dizer, sem medo de errar, que em menos de 1 (um) minuto, o Brasil estaria derrotado de forma acachapante e humilhante.

² Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>. Acesso em 11.11.2020, às 16h04.

Causa espanto pensar que o Presidente do Brasil busque resolver as suas relações com os demais países na base da pólvora. Ao invés de lançar mão dos competentes diplomatas brasileiros, à exceção de alguns poucos, prefere proferir bravatas, cobertas de insanidade, que podem colocar o país em risco.

Nunca é demais recordar que, no ano de 2012, o general da Reserva Maynard Marques de Santa Rosa, ex-secretário de Política, Estratégia e Assuntos Internacionais do Ministério da Defesa, anunciou que o Brasil teria, no máximo, munição para uma hora de guerra. Isso mesmo, uma hora. Por óbvio, penso que esse arsenal deve ter sido incrementado. No entanto, ainda que o tenha sido, é insano pressupor que tenhamos qualquer chance em uma guerra contra os Estados Unidos.

A irresponsabilidade é tamanha. E isso tudo em um contexto em que o Presidente não reconhece a vitória de determinado candidato em razão de sua subserviência ideológica ao atual Presidente estadunidense, subserviência essa que não gerou qualquer benefício ao Brasil. Ao contrário, o Brasil, do ponto de vista das relações internacionais, é, atualmente, uma pária, sobretudo pelas escolhas promovidas pelo denunciante.

Declarar o desejo de guerra não é um arroubo retórico, como quis aliviar o Vice-Presidente. Não mesmo. É preciso que o Presidente assuma sua responsabilidade. Jurou obedecer a Constituição e as normas jurídicas. Arroubo retórico é dizer que dará um aumento a determinada categoria de servidores sem recurso para tanto. Dizer que vai usar a pólvora, contra qualquer nação, coloca em risco a integridade do país, sobretudo quando essa nação detém poderio bélico infinitamente superior ao nosso.

Dessa forma, trata-se de ato hostil contra nação estrangeira, expondo a República ao perigo de guerra e, veja só, praticado de forma absolutamente injustificável e inaceitável, razão pela qual verifica-se a hipótese do artigo 5º, 3, da Lei 1.079/50.

Diante do exposto, serve a presente para aditar, mais uma vez, o pedido de impedimento, protocolizado na Câmara do Deputados no dia 17.3.2020, em razão do cometimento de novos crimes por Jair Bolsonaro, que muito desonra o cargo de que ocupa e toda a nação brasileira, especialmente por agir de forma incompatível com o decoro e a dignidade do cargo e por tratar nação estrangeira de forma hostil, expondo o Brasil a perigo de guerra.

Não é mais possível esperar. O Brasil patina em todos os aspectos: político, econômico, social! Bolsonaro é um atraso completo. O seu projeto de nação é inexistente. O seu jeito escrachado serve tão somente para apequenar, ainda mais, o nosso país.

É preciso compromisso com a continuidade democrática e isso começa com o seu afastamento, razão pela qual se roga-se seja admitido o presente aditamento e, ato contínuo, seja acolhida a denúncia, o processo seja efetivo julgamento, respeitados os princípios de ampla defesa e contraditório e, ao final, seja condenado o denunciado, com

9

a imediata perda de seu cargo, bem como a inabilitação para exercício de função pública, nos termos do parágrafo único do artigo 52 da Constituição Federal.

Termos em que pede deferimento.

Brasília, 13 de novembro de 2020.



Leandro Antônio Grass Peixoto

CPF

2º TABELÃO DE NOTAS E PROTESTO
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

RANALDO SIMÕES CORREIA - TABELÃO INTERNO - LUIZ F. CHONARTH - TABELÃO SUBSTITUTO
SRTV / SUL - 2 - 101 - CONJ. L - 18 - 11 - ANDAR TERCEIRO - CENTRO EMPRESARIAL ASSIS CHATEAUBRIAND
FONE: (61) 3228-2760 - E-mail: oficio2@tjdft.jus.br - CEP 70345-906 - BRASÍLIA - DF

RECONHEÇO e dou fe por SEMELHANÇA a(s) firma(s) de:
[Jb6h6Yo0]-LEANDRO ANTONIO GRASS PEIXOTO

TJDFT20200020374979XBVY
Para consultar acesse: www.tjdft.jus.br
Em testemunho da verdade.
BRASÍLIA, 13 de Novembro de 2020
002 - RITA OLIDES BAIÃO PEREIRA
ESCREVENTE NOTARIAL

QUALQUER EMENDA OU RASURA INVALIDARÁ O DOCUMENTO

LEANDRO ANTONIO GRASS
PEIXOTO:00014360152

Assinado de forma digital por
LEANDRO ANTONIO GRASS
PEIXOTO:00014360152
Dados: 2020.11.17 17:03:54 -03'00'

POLÍTICA

Brasil tem de deixar de ser 'país de maricas' e enfrentar pandemia 'de peito aberto', diz Bolsonaro

Presidente fez a declaração em discurso durante cerimônia no Palácio do Planalto. 'Lamento os mortos, lamento, mas todos nós vamos morrer um dia. Aqui, todo mundo vai morrer', afirmou.

Por Pedro Henrique Gomes, G1 — Brasília

10/11/2020 17h59 · Atualizado há 5 dias

Bolsonaro volta a minimizar pandemia: Brasil 'tem que deixar de ser um país de maricas'

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

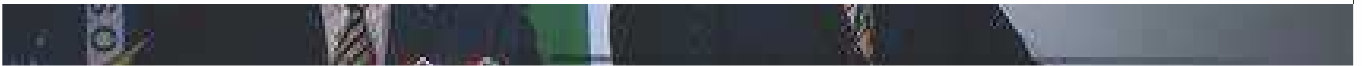


O presidente **Jair Bolsonaro** afirmou nesta terça-feira (10) que o Brasil tem que "deixar de ser um país de maricas" e enfrentar a pandemia de Covid-19 de "peito aberto".

"Tudo agora é pandemia", queixou-se Bolsonaro durante discurso no Palácio do Planalto, em cerimônia de lançamento de um programa de turismo.

Mais cedo, nesta terça, o consórcio de veículos de imprensa noticiou que **o Brasil chegou a 162,6 mil mortes provocadas pela Covid-19**, doença provocada pelo novo coronavírus, e a 5,67 milhões de casos confirmados.

"Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para a imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás. Temos que enfrentar de peito aberto, lutar. Que geração é essa nossa?"



O presidente disse lamentar os mortos e **voltou a afirmar que o destino de qualquer um é a morte.**

"Acaba o auxílio emergencial em dezembro. Como ficam esses quase 40 milhões de invisíveis? Perderam tudo agora. O catador de latinha não tinha latinha para catar na rua, não tinha como vender biscoito Globo na praia, não tinha como vender um mate no estádio de futebol. Tudo agora é pandemia. Tem que acabar com esse negócio, pô. Lamento os mortos, lamento, mas todos nós vamos morrer um dia. Aqui, todo mundo vai morrer", declarou Bolsonaro.

Desde o início da pandemia, Bolsonaro costuma fazer declarações que contrariam a ciência. Ele sempre se manifestou **a favor da abertura do comércio** e **contra o uso da máscara.**

O presidente também **costuma promover eventos que geram aglomeração**, outra situação que, conforme as autoridades de saúde, pode ajudar a disseminar ainda mais o novo coronavírus.

Durante o discurso, Bolsonaro disse que a vida dele "é uma desgraça, é problema o tempo todo". O presidente afirmou ainda que não tem paz "para absolutamente nada" e reclamou da cobertura da imprensa.

"Pessoal, temos que buscar mudanças, não teremos outra oportunidade. Vem a turminha falar 'queremos um centro', nem ódio pra lá nem ódio pra cá. Ódio é coisa de marica, pô. Meu tempo de bullying na escola era porrada", declarou.

Ataque de Bolsonaro a vacina anti-Covid desenvolvida em São Paulo gera reações

Referência a Biden

No mesmo evento desta terça, Bolsonaro afirmou que "quando acaba a saliva, tem que ter pólvora" ao se referir à Amazônia.

Ainda como candidato, o presidente eleito dos Estados Unidos, Joe Biden, disse que buscaria "**organizar o hemisfério e o mundo para prover US\$ 20 bilhões para a Amazônia**". Afirmou ainda que o Brasil pode enfrentar "**consequências econômicas significativas**" se não parar de "destruir" a floresta.

Bolsonaro, sem citar o nome de Biden, declarou nesta terça-feira no Planalto:

"Assistimos há pouco aí um grande candidato a chefia de Estado dizer que, se eu não apagar o fogo da Amazônia, ele levanta barreiras comerciais contra o Brasil. E como é que podemos fazer frente a tudo isso? Apenas a diplomacia não dá, não é, Ernesto? Quando acaba a saliva, tem que ter pólvora, senão, não funciona. Não precisa nem usar pólvora, mas tem que saber que tem. Esse é o mundo. Ninguém tem o que nós temos."

Em debate com o adversário Donald Trump, candidato à reeleição, durante a campanha eleitoral, Biden afirmou:

“O Brasil, a floresta tropical do Brasil, está sendo demolida, está sendo destruída. Mais carbono é absorvido naquela floresta tropical do que cada pedacinho de carbono que é emitido nos Estados Unidos. Em vez de fazer algo a respeito... Eu estaria me reunindo e garantindo que os países do mundo venham com US\$ 20 bilhões e digam: ‘Aqui estão US\$ 20 bilhões. **Pare, pare de derrubar a floresta, e, se não fizer isso, você terá consequências econômicas significativas**’.”

Bolsonaro declarou publicamente, diversas vezes, que apoiava a reeleição de Trump. O presidente chegou a dizer que iria à posse de colega norte-americano para o segundo mandato.

Até esta terça, nem Trump, nem Bolsonaro haviam reconhecido publicamente a vitória de Joe Biden na eleição nos Estados Unidos.

Veja também

NOTÍCIAS

SAÚDE

**Felipe Pereira e Guilherme Mazieiro****Do UOL, em São Paulo**

10/11/2020 13h32

Atualizada em 11/11/2020 10h11

A morte de um voluntário de 32 anos que causou a [suspensão das pesquisas da vacina CoronaVac](#) não foi relacionada com os testes ou com a covid-19 por autoridades ligadas à pesquisa. Segundo o **UOL** apurou, o caso é tratado como suicídio por pessoas envolvidas com o estudo e foi registrado dessa forma no boletim de ocorrência da Polícia Civil. O laudo do IML (Instituto Médico Legal) ainda não foi concluído.

O caso foi usado pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para interromper as pesquisas da vacina que eram lideradas pelo Instituto Butantan, em parceria com o laboratório chinês Sinovac. [A Anvisa alega que a decisão foi técnica.](#)

Há candidatos sub judice não exibidos. Veja todos >

APURAÇÃO
SÃO PAULO99,92%
urnas
apuradas32,86%
BRUNO COVAS PSDB2T 20,24%
GUILHERME BOULOS PSOL

VEREADORES

OUTRAS CIDADES



Comissão de ética em pesquisa recomenda manutenção de teste



Anvisa não é parceira de ninguém e não se envolve em política, diz diretor



O que se sabe sobre a suspensão dos testes da CoronaVac

A [decisão causou surpresa e irritação em autoridades de saúde do estado de São Paulo](#), que classificam a decisão do governo federal de desleal. O descontentamento existe porque os responsáveis pela pesquisa não enxergam o suicídio como um efeito adverso relacionado à vacina. Eles dizem ainda que não é a primeira morte de voluntários da CoronaVac.

No começo do estudo desta vacina, uma pessoa morreu em Porto Alegre — informação tornada pública somente hoje. Nesta ocasião, uma investigação foi aberta e ficou constatado que o voluntário havia tomado placebo, substância que não tem o princípio ativo. Por este motivo, os testes continuaram.

No final de outubro, ocorreu em São Paulo o caso que suspendeu as pesquisas. Ainda não se sabe se foi aplicada a vacina ou o placebo, mas o homem era voluntário no Hospital das Clínicas de São Paulo, que deu início a uma investigação e comunicou a Comissão Nacional de Ética em Pesquisas e a Anvisa. A conclusão do HC foi que não houve relação com a pesquisa.

O controle de quem toma placebo e quem toma a vacina de fato é feito por uma comissão internacional. Somente estes técnicos podem responder se o homem de 32 anos tinha recebido a CoronaVac ou não. Esta informação ainda não é de conhecimento das autoridades de saúde de São Paulo.

As autoridades paulistas reclamam que a Anvisa resolveu suspender os testes antes de pedir explicações.

Anvisa diz que tomou decisão técnica

O diretor-presidente da Anvisa, Antônio Barra Torres, disse hoje que os documentos que relatam a morte, enviados pelo Instituto Butantan, estavam "incompletos" e "insuficientes".

De acordo com ele, a decisão foi tomada por um órgão técnico da Anvisa, a GGMed (Gerência Geral de Medicamentos), sem passar pelo colegiado dos diretores.

"Diante de informações incompletas, a área técnica só tem uma decisão a tomar [de suspender a pesquisa]. Há candidatos sob júdice não exibidos. Veja todos >

APURAÇÃO
SÃO PAULO

99,92%
urnas
apuradas

32,86%
BRUNO COVAS PSDB

20,24%
GUILHERME BOULOS PSOL



VEREADORES

OUTRAS CIDADES

Profissionais ligados ao estudo conduzido em São Paulo enxergam na situação um uso político. Eles contam que o caso vinha sendo tratado de forma técnica por cientistas da Anvisa e estranham que tudo mudou de maneira repentina. A avaliação é que a morte chegou ao conhecimento de pessoas com interesse não científicos que trataram de "criar um fato".

Pela manhã, o presidente **Jair Bolsonaro** (sem partido) usou as **redes sociais** para atacar o governador de São Paulo, **João Doria** (PSDB). Um usuário perguntou se o Brasil poderia comprar e produzir a vacina. Em resposta, o presidente citou três dos efeitos listados hipoteticamente pela Anvisa e ainda recordou uma de suas desavenças com Doria, sobre a obrigatoriedade ou não dos imunizantes.

"Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Dória queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. O Presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha", escreveu.

Na nota emitida na noite de ontem, a Anvisa citou todos os efeitos adversos graves previstos para a interrupção de testes, mas não especificou qual foi verificado no caso do voluntário de São Paulo.

O governador não participou da entrevista coletiva desta manhã nem respondeu diretamente aos ataques do presidente.

Descontentamento dos pesquisadores

Os profissionais envolvidos com a pesquisa dizem ainda que a decisão da Anvisa atrasa a vacina e mancha a reputação de instituições científicas brasileiras. O Instituto Butantan tem 119 anos de história e produz a maioria das vacinas usadas no país. Além disso, voluntários na pesquisa podem ficar com medo por causa da polêmica criada.

Segundo os pesquisadores, a Anvisa recebeu a comunicação da morte no dia 6 de novembro e ficou em silêncio durante 72 horas. O primeiro comunicado com o Instituto Butantan só se deu ontem, por e-mail, às 20h40. E a suspensão da pesquisa ocorreu às 21h05.

Na manhã de hoje, o secretário de Saúde de São Paulo, Jean Gorinchteyn, havia afirmado que a morte do voluntário teve "fator externo" e que o imunizante desenvolvido pelo laboratório chinês Sinovac se mostrou seguro até agora.

CVV

Caso você esteja pensando em cometer suicídio, procure ajuda especializada como o CVV (Centro de

Há candidatos sub judice não exibidos. Veja todos >

APURAÇÃO
SÃO PAULO

99,92%
urnas
apuradas



32,86%
BRUNO COVAS PSDB



20,24%
GUILHERME BOULOS PSOL



VEREADORES

OUTRAS CIDADES